

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
MATERNIDADE ESCOLA

PRISCILLA BITTENCOURT DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO PATERNO NO DESENVOLVIMENTO DOS  
FILHOS

MON  
PBS  
2011

RIO DE JANEIRO

2011

PRISCILLA BITTENCOURT DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO PATERNO NO DESENVOLVIMENTO DOS  
FILHOS



Monografia de finalização do Curso de Especialização em Pós-Graduação: Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título: Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil.

Orientador: Marcus Renato de Carvalho

Rio de Janeiro

2011

U.F.R.J.  
MATERNIDADE ESCOLA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO  
N. ADM. 0767103  
M. SISTEMA 0767103  
CÓD. BARRA 562217

SILVA, Priscilla Bittencourt.

A importância do cuidado paterno no desenvolvimento dos  
filhos / Priscilla Bittencourt da Silva - Rio de Janeiro:

UFRJ/Maternidade Escola, 2011.

nf.:39f. il.; 31cm.

Orientador: Marcus Renato de Carvalho

Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu) –

UFRJ/Maternidade Escola/Curso de Especialização  
Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil, 2011.

Referências bibliográficas: f.26-29.

1.Paternidade. 2.Gênero. 3. Ausência Paterna.

I. Título. II.Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Maternidade-Escola. III.Título.



A IMPORTÂNCIA DO CUIDADO PATERNO NO DESENVOLVIMENTO DOS  
FILHOS

Priscilla Bittencourt da Silva

Monografia de finalização do curso de especialização em nível de Pós-Graduação: Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil da Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título: **Especialista em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil.**

Aprovada por:

Marcus Renato de Carvalho

Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva

Nota: 3,0  
Conceito: A

Rio de Janeiro, 06 de Julho de 2011.

OBS:

## Dedicatória

*Dedico este trabalho aos meus pais, Mário e Kátia, e ao meu noivo, Ilson, por todo amor, apoio e incentivo.*

U.F.R.J.  
MATERNIDADE-ESCOLA  
N.º 767103

~~U.F.R.J.  
MATERNIDADE-ESCOLA  
N.º 767103~~

U.F.R.J.  
MATERNIDADE-ESCOLA  
N.º 767103  
N.º 767103

UFRJ  
Maternidade-Escola  
  
562217

## AGRADECIMENTOS

- A Deus, por permitir que eu chegasse até aqui;
  - Aos meus pais, pela força e incentivo de sempre;
  - Aos coordenadores do curso, Marcus Renato e Marisa Maia, pela oportunidade concedida;
  - Ao prof. José Leonídio, pelo carinho e preocupação demonstrados nos encontros repentinos nos corredores da Maternidade Escola.
  - Ao meu orientador, Prof. Marcus Renato, por transmitir a paixão pela "paternidade", por aceitar as minhas ideias e por todas as recomendações de leitura.
- Às colegas de turma, pelo companheirismo e amizade.

Resumo OK

## RESUMO

O presente estudo realiza uma revisão bibliográfica cujo objetivo é discutir a importância do exercício da paternidade para os filhos. Foram selecionados nas bases de dados científicas, artigos publicados no Brasil entre os anos 2000 e 2010. As relações de gênero e o resgate histórico da masculinidade, assim como as novas configurações familiares são de fundamental importância para compreender o avanço dos estudos sobre o tema na década. A participação paterna na vida dos filhos estabelece vínculos afetivos, tornando-se imprescindível para o desenvolvimento destes. Mesmo na separação conjugal, o pai deve estar presente na vida do filho para que este não venha a apresentar problemas de comportamento. Para as crianças, a participação do pai em suas vidas as torna fisicamente mais saudáveis e emocionalmente mais seguras. Atualmente o pai participa do pré-natal, deseja acompanhar o parto e cuida dos filhos, ainda que os serviços de saúde contribuam para o afastamento dos homens destes espaços. A presença no parto é um desafio encontrado pelo pai, sobretudo em maternidades públicas. Nas consultas médicas, muitas vezes o homem precisa aguardar na sala de espera. Conclui-se que a discussão acerca da ausência paterna é insuficiente, uma vez que são poucos os dados encontrados sobre problemas de comportamento em crianças e adolescentes que não convivem com seus pais. Por estar relacionada a promoção de saúde, a contribuição dos trabalhadores desta área é necessária para estimular a transformação desta realidade e a construção de novas relações de gênero na sociedade.

Descritores: paternidade; gênero; participação paterna



## ABSTRACT

This study conducts a literature review whose purpose is to discuss the importance of exercise of fatherhood for children. Were selected in scientific databases, articles published in Brazil between 2000 and 2010. Gender relations and the historic rescue of masculinity, as well as new family configurations are of fundamental importance for understanding the progress of studies on the subject in the decade. The participation of parents in the lives of their children down and bonds, making it essential for their development. Even in divorce, the parent must be present at his son's life so that it will not have behavioral problems. For children, the parent involvement in their lives makes them more physically healthy and emotionally secure. Currently the father participates in the prenatal, delivery and want to track the care of the children, although health services contribute to the removal of the men in these spaces. The presence at birth is a challenge faced by the father, especially in public hospitals. In medical consultations, often the man to wait in the waiting room. We conclude that the discussion of father absence is unsatisfying, since there are few data found on problem behavior in children and adolescents who do not live with their parents. It is related to health promotion, the contribution of workers in this area is needed to stimulate the transformation of this reality and the construction of new gender relations in society.

Keywords: fatherhood; gender; paternal participation

## LISTA DE SIGLAS

APASE – Associação de Pais e Mães Separados

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CIPD – Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISSP – Internacional Social Survey Programme

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MS – Ministério da Saúde

ONG – Organização Não Governamental ONU – Organização das Nações Unidas

PHN – Política Nacional de Humanização

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	<b>01</b>
<b>2. Objetivo</b> .....	<b>03</b>
<b>3. Metodologia</b> .....	<b>03</b>
<b>4. Capítulo I. Relações de gênero e formação da família</b> .....	<b>04</b>
O conceito de gênero e sua influência nas relações sociais .....	04
O surgimento da família e as novas configurações familiares .....	06
<b>5. Capítulo II. A participação paterna</b> .....	<b>09</b>
O masculino no contexto sócio-histórico e cultural .....	09
O pai contemporâneo .....	11
A inclusão do pai nos serviços de saúde: avanços e desafios .....	13
<i>Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem</i> .....	16
<i>Pré-Natal do Homem</i> .....	17
<i>Unidade de Saúde Parceira do Pai</i> .....	17
<b>6. Capítulo III. Relação pai-filho</b> .....	<b>18</b>
Envolvimento paterno e sua influência no desenvolvimento dos filhos .....	18
O cuidado paterno na separação .....	19
Ausência paterna: impacto negativo em crianças e adolescentes .....	22
<b>7. Considerações Finais</b> .....	<b>24</b>
<b>8. Referências Bibliográficas</b> .....	<b>26</b>
<b>9. Anexo (quadro dos artigos analisados)</b> .....	<b>30</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo atende aos requisitos do Curso de Especialização em Atenção Integral à Saúde Materno-Infantil, da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ME/UFRJ. A motivação pelo tema teve início a partir do desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação em Serviço Social, intitulado: “Sexualidade e Reprodução no Universo Masculino: Um tema em Questão”<sup>1</sup>. O trabalho buscou compreender os determinantes sócio-culturais que definem o exercício da sexualidade no contexto das relações de gênero. No que se refere ao processo reprodutivo do homem e da mulher, considerando a valorização da maternidade na nossa sociedade, buscou-se apreender a importância da figura paterna na vida dos filhos – desde a gestação a criação e cuidado destes – e suas contribuições para o seu desenvolvimento. Coube ainda ressaltar as dificuldades e acessibilidades encontradas pelo homem no exercício da paternidade.

Neste contexto, foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema do cuidado paterno em bases de dados como *Scielo*, *Bireme* ou *Lilacs*, e bibliotecas de instituições de ensino superior na área da saúde.

Os homens não são foco de atenção nos serviços de saúde (CARVALHO, 2003). Caracterizada pela desvalorização do auto-cuidado e pela incipiente preocupação com a saúde, o cuidado masculino teve reconhecimento recente, a partir da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo, em 1994 e da Conferência Mundial da Mulher, em 1995. Tais conferências impulsionaram a produção científica e a discussão acerca da

paternidade, masculinidade, sexualidade e gênero, estimulando a relações de gêneros mais igualitárias. (LYRA; MEDRADO, 2005)

A paternidade é um momento de transformação, marcado pela assunção da responsabilidade (de prover, de cuidar, de proteger) (UNBEHAUN, 2001). Assim como a maternidade, é uma construção sócio-cultural, experimentada pelo pai biológico, adotivo ou por aquele que cuida habitualmente de um ser. Para alguns homens, a paternidade significa prover, dando suporte ao filho, porém sem envolvimento afetivo. Já outros pais, entendem a paternidade como presença na

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão do Curso de Serviço Social da UFRJ, apresentado em Março de 2008, por Priscilla Bittencourt da Silva e Renata Glasman, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Magdala Vasconcelos de Araújo Silva (ESS/UFRJ).

vida dos filhos, dando apoio educacional e moral a eles. Há ainda um outro grupo de pais que definem a paternidade como participação ativa no cuidado com os filhos, desde o pré-natal, presenciando todas as etapas do desenvolvimento dos filhos. Atualmente, figura na sociedade ocidental um modelo de pai mais participativo, mais afetivo, um pai que divide responsabilidades e prazeres com a companheira em relação ao filho.

A participação dos pais no pré-natal, no nascimento e cuidado com os filhos facilita a formação do vínculo pai-bebê (KENNELL & KLAUS, 1998 *apud* CARVALHO, 2003). Na gravidez, biologicamente a mulher pode despertar no homem que assume a paternidade, sentimentos de exclusão, pois é a mulher que sente o filho crescer dentro de si, dá à luz e amamenta-o. O homem pode sentir-se isolado pelos amigos e pelos profissionais de saúde a partir da relação mãe-bebê. As instituições sociais devem criar ações que aproximem os homens do cuidado e educação dos filhos. Na escola, por exemplo, a reunião de pais é caracterizada pela presença das mães e não é questionada a ausência masculina. Nas maternidades públicas, a entrada do pai na sala de parto, apesar de ser um direito legal (Lei 11.108/05), não é assegurada, pois as unidades não oferecem estrutura física para a presença do pai. São poucos os profissionais que durante o pré-natal convidam o pai a participar da consulta e esclarecer suas dúvidas e questionar seus anseios. As relações de trabalho também dificultam a participação do pai no cuidado com os filhos, pois os empregadores não aceitam que o funcionário se ausente do trabalho para acompanhar sua companheira ao pré-natal ou seu filho a consulta médica.

Uma vez que homens e mulheres são diferentes, a relação pai-filho também é diferente da relação mãe-filho. Portanto, ela é importante para os filhos. Um pai representa um modelo diferente daquele representado pela mãe. Ele gosta de brincar com o seu filho, e na maioria das vezes é o responsável por encorajar a criança a explorar o seu ambiente e buscar a sua independência. Para os meninos, os pais são como espelho. Para as meninas, é o primeiro contato com o universo masculino. Sendo assim, a relação pai-filho influenciará nas relações interpessoais dos filhos subseqüentes. (CIA, 2009; BARHAN, 2009).

## 2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é identificar a importância da presença do pai na vida dos filhos e suas contribuições para o desenvolvimento destes, desde a participação no pré-natal até a adolescência.

## 3. METODOLOGIA

Para este trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de revisão de literatura. Optou-se por esse método a fim de situar a presente pesquisa e contextualizá-la no universo acadêmico.

A revisão de literatura é imprescindível para a elaboração de um trabalho científico. O pesquisador deve acreditar na sua importância para a qualidade do projeto e da pesquisa e que tudo é aproveitável para os relatórios posteriores. Na elaboração do trabalho científico é preciso ter uma idéia clara do problema a ser resolvido e, para que ocorra esta clareza, a revisão de literatura é fundamental. (ECHER, 2001)

Primeiramente, buscou-se identificar as principais contribuições científicas para o avanço da discussão sobre paternidade e a importância da presença paterna na vida dos filhos. Objetivou-se verificar os artigos publicados em bases de dados científicas sobre o tema paternidade. A partir da análise dos estudos encontrados, estes tornaram-se ponto de partida para a discussão acerca da paternidade.

As bases de dados consultadas foram: *Scielo*, *Lilacs* e *Bireme/BVS*. Os descritores utilizados foram: "pai", "paternidade", "cuidado paterno" e "participação paterna". Foram selecionados artigos publicados no Brasil, entre os anos de 2000 e 2010. Dos 20 artigos encontrados e relacionados a discussão proposta, foram utilizados 14 artigos para o estudo. O tipo de metodologia utilizado foi a análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977) esta técnica permite descobrir o verdadeiro significado das categorias analisadas.

A busca foi feita por meio das palavras encontradas no título ou no resumo dos artigos. Haveria um número maior de artigos que tratam a

paternidade, porém sem abranger a importância que a participação paterna tem para os filhos.

Entre os 14 artigos inicialmente selecionados para o estudo, 12 trabalhos utilizaram a pesquisa de campo, entrevistando homens-pais. Em alguns casos, mães relataram sobre a paternidade e adolescentes também foram entrevistados. 1 estudo relacionou um caso clínico e 1 estudo realizou revisão de literatura. No universo dos artigos estudados, 6 trabalhos foram elaborados na Região Sul, 5 trabalhos na Região Nordeste e 3 trabalhos na Região Sudeste. Todos os trabalhos foram escritos por autores do sexo feminino, sendo que 1 trabalho teve co-autoria de um escritor do sexo masculino.

#### **4. CAPÍTULO I - RELAÇÕES DE GÊNERO E FORMAÇÃO DA FAMÍLIA**

##### **O conceito de gênero e sua influência nas relações sociais**

Para compreender os diferentes papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade, faz-se necessário apropriar-se do conceito de gênero. Baseado em LOURO (1996:9), o gênero não significa o mesmo que sexo, ou seja, enquanto o sexo se refere à identidade biológica do sujeito, o gênero está ligado ao que é construído socialmente para o masculino e o feminino.

As questões de gênero, determinadas pela sociedade e sobre as quais se constrói a sexualidade masculina e feminina, enfatizam que o homem é o provedor e a mulher, por sua natureza, a cuidadora. Os estudos de gênero apontam que homens e mulheres ocupam posições de poder e desempenham atribuições sociais diferenciadas. Tais atribuições são construções sociais, influenciadas pela tradição e pela cultura, que delimitam as funções masculinas e femininas. (NOLASCO, 1993).

Em nossa sociedade, por muitos séculos, prevaleceu o modelo de família patriarcal, onde o homem era o responsável pelo espaço público e a mulher, a responsável pelo espaço privado. Ou seja, cabia ao homem a função de manter o poder econômico da família, enquanto a mulher se dedicava ao cuidado do lar, dos filhos e de seu esposo.

A partir do século XX, as relações de gênero passam a ser questionadas pelo Movimento Feminista. O homem, educado para deter o poder, dominar, ser forte e viril, passa a dividir alguns espaços com a mulher, que conquista seu

espaço público, tais como a sua inserção no mercado de trabalho, maior grau de escolaridade e o controle da natalidade (surgimento da pílula anticoncepcional). A partir daí, a mulher<sup>2</sup> exerce atividade produtiva fora do lar, inserindo-se na vida profissional e doméstica. Paralelamente, o homem também acumula sua atividade profissional com a participação nas tarefas domésticas e cuidado com os filhos.



Mediante tais transformações, o homem do século XXI pode amar, se emocionar, ser sensível, educar os filhos com afeto e cuidar dos afazeres domésticos sem constrangimento, pois os padrões de comportamento não são tão rígidos, devendo assim, haver a troca das funções sociais que antes eram tidas como exclusivamente das mulheres e vice-versa.

A tabela abaixo corresponde a dados levantados pela pesquisa "Gênero, Trabalho e Família", realizada em 2003 pelo Programa Internacional de Levantamento Social (ISSP, em Inglês). Foram entrevistadas duas mil pessoas em todo o Brasil, que responderam perguntas sobre valores e práticas relacionados ao convívio familiar e à participação da mulher no mercado de trabalho.

Tabela 01

### A DIVISÃO DAS TAREFAS

(em % de entrevistados que responderam sempre eu)

	 Homem	 Mulher
Lava e passa	2,3	73,9
Faz pequenos consertos	53,8	12,4
Cuida de familiares doentes	6,2	47,9
Compra comida	17,1	39,7
Limpa a casa	3,7	64,3
Cozinha	3,9	69,9
Lava os pratos	5,6	59,8
Vai ao banco/paga contas	36,1	31,9
Veste e dá banho nos filhos	5,1	67,9
Dá comida às crianças	5,4	68,0
Acompanha atividades escolares dos filhos	4,9	56,6
Leva os filhos ao médico	5,8	61,6
Põe as crianças para dormir	5,0	60,5

FONTE: Pesquisa "Gênero, trabalho e família"

<sup>2</sup> Mulheres pertencentes à classe média, que passaram a ocupar novos espaços na sociedade, em virtude dos "Movimentos Feministas", buscando principalmente a independência e autonomia feminina.



Percebe-se na tabela acima que a divisão das tarefas domésticas, criação e educação dos filhos parecem não acompanhar de maneira proporcional as mudanças decorrentes da maior participação da mulher no mercado de trabalho e do sustento econômico do lar. O descompasso dessas mudanças se evidencia em suas mais diversas expressões, como por exemplo, no fato de que o trabalho doméstico continua sendo denominado "trabalho de mulher".

Segundo Carvalho (2005), as ideias sobre os papéis desempenhados por homens e mulheres são modernas, porém as práticas são antigas. O autor ainda aponta que os homens prestam poucos cuidados cotidianos aos seus filhos, que esta cultura deveria mudar desde a infância, com a participação mais efetiva e afetiva do pai na vida dos filhos.

### **O surgimento da família e as novas configurações familiares**

A paternidade está inserida no contexto familiar. Para apreender tal estudo, faz-se necessário apreender o conceito de família e suas mudanças ao longo dos anos.

A família é uma forma de organização social composta por indivíduos, com ou sem laços consangüíneos, que convivem entre si. O ser humano buscou a formação desse grupo social, que sobreviveu a todas as formas de mutação, mas ainda é base da sociedade tanto ocidental como oriental (SILVA, 2005).

Áriès (1981) dá ênfase no surgimento do afeto para com as crianças por um movimento moralista que impunha o dever de preparar os filhos para a vida. Para o autor, o início do "sentimento de família" se inicia entre os séculos XV e XVIII, quando as relações que se estabeleciam predominantemente "fora de casa" começam a se encaminhar para a realização mais importante "dentro de casa", de forma a proteger os filhos.

Donzelot (1986) também relata o início dessa mudança na maneira de se criar os filhos, mantendo-os dentro da casa parental. Dentre as justificativas para a modificação dos costumes até então vigentes estava a organização de um núcleo familiar, o qual preservaria a vida dos indivíduos para se tornarem úteis para o Estado. Junto à família, a criança seria mais bem cuidada, pois os pais, além de se preocuparem com sua educação e saúde, amariam-na. O núcleo familiar se constitui como lugar ideal para se desenvolver por ser seguro e

afetuoso.

A família contemporânea apresenta uma configuração bem diferente daquela formada inicialmente, baseada no modelo patriarcal, onde o *pater familias* era o grande homem, o chefe, o sacerdote da família (PEREIRA, 2004). Desde a revolução industrial, houve uma migração destas famílias para as cidades, visto que sua finalidade era principalmente econômica. O homem ocupa cada vez mais o seu tempo fora do lar e a mulher torna-se a principal responsável pelo afeto e cuidado com os filhos.

Com o movimento feminista, esse panorama configura-se de outra forma, pois a mulher luta pela igualdade dos direitos entre homens e mulheres e ganha seu espaço no mercado de trabalho, conquista o cenário público e sua independência. Por outro lado, o homem passa a dividir as tarefas de casa e o cuidado com os filhos. A mudança no Código Civil e a instituição do divórcio, em 1977, descrito na Lei 6.515:

#### CAPÍTULO I -DA DISSOLUÇÃO DA SOCIEDADE CONJUGAL

Art. 2º A sociedade conjugal termina:

- I - pela morte de um dos cônjuges;
- II - pela nulidade ou anulação do casamento;
- III - pela separação judicial;
- IV - pelo divórcio.

Parágrafo único. O casamento válido somente se dissolve pela morte de um dos cônjuges ou pelo divórcio. (BRASIL, 1988)

Essas transformações deram surgimento a novos modelos de arranjos familiares. Como descrito na Constituição Federal, Art. 226, § 4º: "Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes". Também é reafirmada a importância da família no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), conforme o Art. 19 da Lei 8.069, de 1990:

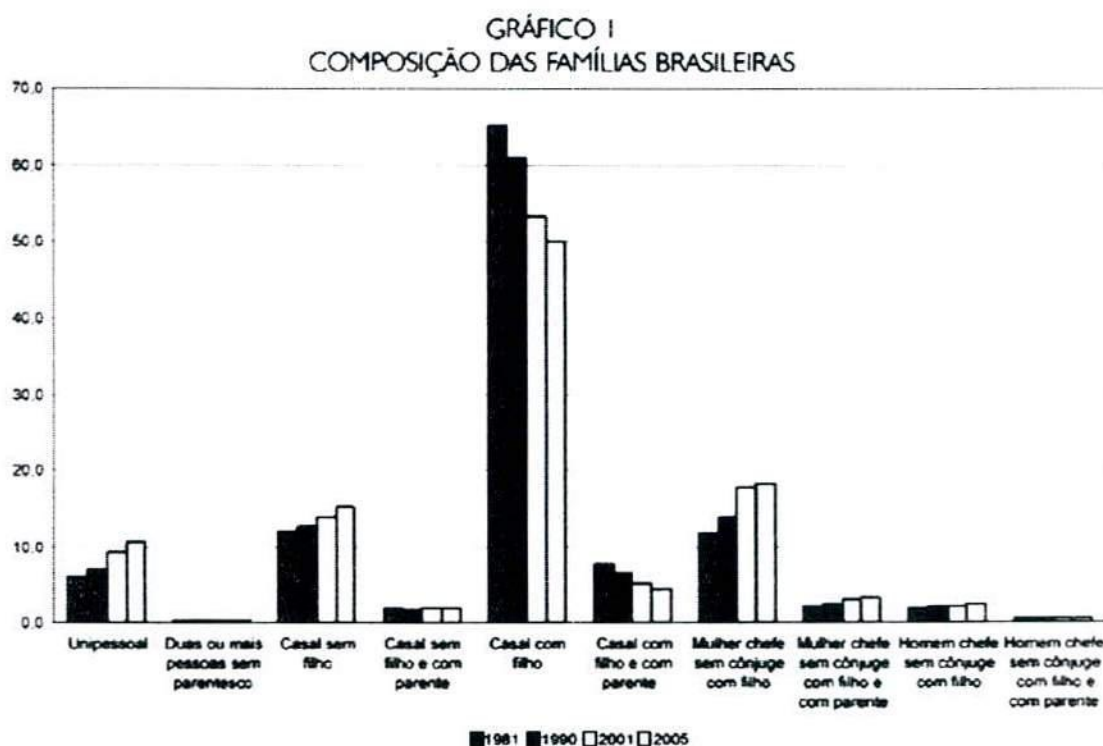
Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes. (BRASIL, 1990)

A família pós moderna caracteriza-se, desde meados da década de 90

do século XX como uma família horizontal, na qual cada membro tem autonomia e as relações entre homem e mulher são mais igualitárias. A família pode ser classificada como co-parental (poder paterno dividido com a mãe), bi-parental, multiparental, pluriparental ou monoparental, sendo assim uma família construída, desconstruída e reconstruída onde os filhos são educados sob a autoridade de dois pais e duas mães convivendo com meios irmãos ou meias irmãs. (SANTOS, 2010)

O gráfico abaixo, num comparativo dos anos de 1981, 1990, 2001 e 2005, aponta para um aumento do número de mulheres chefes do lar sem a presença do cônjuge. Percebe-se, em menor escala, um ligeiro aumento do número de homens sem cônjuge e com filho.

Tabela 02



Fonte: PNAD/IBGE.

Os diferentes arranjos familiares, construídos nos últimos anos, contribuem para a transformação no exercício da paternidade. As regras familiares, a hierarquia, as demonstrações de afeto são tratadas de forma diferente da exercida no patriarcado. As relações de gênero tendem a ser

mais igualitárias e os papéis parentais tomam-se menos delimitados. Sendo assim, o homem goza de mais liberdade para se comportar como pai.

## **5. CAPÍTULO II – A PARTICIPAÇÃO PATERNA**

### **O masculino no contexto sócio-histórico, econômico e cultural**

A cultura patriarcal estabeleceu uma masculinidade que subordinou a mulher ao homem. A continuidade de padrões de masculinidade herdados dessa cultura ainda influencia o perfil dos homens nos dias atuais.

Segundo Ramires (1997) a criação e socialização de mulheres e homens ocorrem de forma bastante distinta em nossa sociedade. Isso ocorre principalmente porque a expressão de sentimentos é ampliada nas mulheres e retraída nos homens. Este processo acarreta na falta de vínculos afetivos mais intensos do lado masculino, ao passo em que nas mulheres, as ligações afetivas são muito mais extensas.

Para muitos rapazes, o uso do comportamento agressivo para ganhar poder e dominância é o seu entendimento do que é ser masculino. O comportamento agressivo de alguns rapazes para com outros rapazes ou raparigas é muitas vezes visto, pelos próprios e pelos educadores, pais e colegas, como um comportamento típico e normal para um rapaz. (BARBOSA; NOGUEIRA, 2005)

A diferença significativa entre meninos e meninas, gerada pela maternagem exclusiva de mulheres – base do relacionamento primário -, determina que a personalidade masculina seja definida em termos da negação da feminilidade. (SIMIONI, 2001)

Desde criança, nas brincadeiras de boneca, a mulher é doutrinada a “ser mãe”. Por carregar o filho no ventre desde a gestação, a sexualidade feminina restringiu-se ao ato da reprodução, tornando a mulher a personagem principal no processo de desenvolvimento emocional da criança. A paternidade, ao ser biologicamente desvinculada no processo reprodutivo – o homem “apenas planta a semente” – foi afastada do processo de gestação, nascimento e cuidado com os filhos. Ao legitimar esses papéis, gera-se uma precarização na relação pai-filho, levando os homens a sentirem angústia, ansiedade, dor e

sofrimento. Esse comportamento pode causar a dissociação dos laços familiares.

A participação do homem na gravidez o faz sentir-se parte do processo e se reflete na qualidade de vida do casal, possibilitando relações menos conflituosas também com a mulher. A esse respeito, pode-se afirmar que os pais mais conectados emocionalmente à gestação estariam mais predispostos a reagir adequadamente às necessidades de apoio e compreensão de suas esposas. (PICCININI *et al*, 2004, p.311).

Além disso, a disponibilidade da mulher ao dom de si e ao acolhimento da nova vida completa o cenário que a predispõe para a maternidade como fato e fenômeno humanos. Uma vez concebido o filho, recai sobre a mãe o peso de lhe entregar as energias de seu corpo e de sua alma. A convicção do valor da maternidade tem muito mais possibilidades de se enraizar na mulher do que o da paternidade no homem, uma vez que o homem encontra-se fora do processo de gestação e nascimento da criança. Aprende a exercer a paternidade com a mãe de seus filhos, esforçando-se por desenvolver em seu íntimo a capacidade de dar atenção à pessoa concreta do filho.

Os homens, devido a herança do patriarcado, ao serem inserido nos lares, costumam se comportar de forma a serem cuidados pelas suas companheiras, numa continuidade do cuidado que receberam de suas mães, sem se envolverem no cuidado com a família (PORTELA *et al*, 2003).

Os últimos estudos sobre paternidade e masculinidade apontam que é possível observar, na contemporaneidade, uma espécie de crise do modelo anteriormente criado, onde a masculinidade era definida a partir de características como: valentia, firmeza, inteligência e onipotência. Atualmente observa-se que estes modelos vêm se transformando e o ser masculino, passa a ser visto como um ser que possui fragilidades, angústias, crises e contradições.

O que se chama de "crise da masculinidade hoje, se define, inicialmente diante das rachaduras produzidas no modelo hegemônico de masculinidade e nos processos pelos quais este modelo buscava se instituir. Processos sustentados, principalmente, pelas instituições de caráter formador e socializador, como escola e família (SARAIVA, 1998; p. 120).

Os questionamentos quanto ao modelo tradicional de masculinidade / paternidade juntamente com as transformações de ordem econômica e social (ascensão da mulher no mercado de trabalho, divisão das tarefas, planejamento dos filhos) abrem espaço para o pai contemporâneo ou novo pai.

### **O pai contemporâneo**

Durante o patriarcado, o exercício da paternidade marcado pela presença de afeto e do cuidado foram desvalorizados em nome do poder econômico. Neste período a função paterna era considerada fenômeno natural e de provisão. Porém, a partir das transformações ocorridas na sociedade contemporânea, sobretudo as conquistas das mulheres em obter uma igualdade de direitos e oportunidades, permitiram que os homens também ocupassem novos espaços, como por exemplo, no âmbito da educação e participação na vida dos filhos.

As Conferências internacionais da década de 90, realizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo (CIPD), em 1994, contribuíram para o florescimento da perspectiva de inclusão das palavras “homens/masculinos” em assuntos que eram exclusivamente de abordagem “feminina”. Os homens passaram a ser vistos como cidadãos com necessidades e direitos na esfera da vida sexual e reprodutiva.

A paternidade era considerada para muitos homens, um fenômeno apenas que comprovava a virilidade e a condição de provedor. Porém, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho, e conseqüentemente a diminuição do tempo no espaço privado, a paternidade passou a ser abordada sob nova ótica, onde, o exercício do cuidado dos homens em relação a seus filhos é mais valorizado. O homem passa a participar ativamente da vida dos filhos, acompanhando-os ao longo do seu desenvolvimento, assumindo funções até então desempenhada pelas mulheres, como dar banho, dar comida, trocar a

fralda, etc. A “nova paternidade”, chamada também de paternagem<sup>3</sup> demanda uma maior participação dos homens no cuidado com os filhos e na reprodução (COSTA, 1995). Ela anuncia uma postura mais presente dos pais na busca de se estabelecer vínculos afetivos e de exercício do cuidado com os filhos. Ou seja:

Em diversas áreas da atividade humana os pais são reconhecidos não só como afetivamente importantes para os filhos como também aptos para providenciar todos os cuidados necessários para o seu bem-estar, inclusive aqueles antigamente restritos exclusivamente às mães. (TRINDADE, 1991, p.30).

Expressões significativas do processo de cuidado do pai para com os filhos exigindo direitos semelhantes aos das mães, foram o surgimento das Organizações Não-Governamentais: Instituto PAPAI<sup>4</sup>, Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento das Redes Sociais (NOOS)<sup>5</sup> e a Associação de Pais e Mães Separados (APASE). Esta última surgiu em 1997 e defende a igualdade de direitos entre homens e mulheres no cuidado com os filhos. Fundamentada pelo artigo quinto da Constituição da República Federativa do Brasil, que afirma que: “Todos os brasileiros são iguais perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza...”, a APASE defende que os filhos devem ser criados por qualquer um dos seus genitores e promove também a participação efetiva no cuidado paterno.

A presença do pai na vida dos filhos faz-se extremamente importante para desnaturalizar o mito da maternidade, que defende que antes de nascer, o feto vive na barriga da mãe e após o nascimento, a mãe tem atribuições

---

<sup>3</sup> Exercício do cuidado para além do ato biológico. A paternagem significa a participação do pai na esfera sexual e reprodutiva, nas tarefas domésticas e na educação dos filhos, não como coadjuvantes, mas como sujeitos.

<sup>4</sup> O instituto PAPAI é uma ONG feminista, fundada em Recife, em 1997. O objetivo desta entidade é contribuir para a desconstrução da cultura machista, incentivando a participação dos homens no campo da saúde, sexualidade e reprodução, intervindo na formulação e monitoramento de políticas públicas mais justas para homens e mulheres, numa perspectiva de igualdade.

<sup>5</sup> Fundada em 1994, o Instituto NOOS tem por objetivo desenvolver, executar e difundir práticas sociais participativas que contribuam para a melhoria das relações entre as pessoas, famílias, instituições e comunidades.

prioritárias de cuidar e de proteger esse bebê, preservando-o do mundo externo e dos sofrimentos. O pai entra em cena neste momento, quando torna-se o elemento responsável por fazer o “corte” entre mãe e filho, contribuindo para a formação da individualidade dos filhos. (CORNEAU, 1995 *apud* JABLONSKI, 2004). Essas duas concepções não só naturalizam o mito do amor materno como contribuem para excluir os homens da esfera do cuidado.

O questionamento deste modelo contribui para uma maior proximidade e participação do pai no dia-a-dia do filho, estabelecer vínculo afetivo com a criança, passar conceitos, valores importantes, mostrar seus pontos de vista e opiniões, ouvir o filho, contribuindo para o seu desenvolvimento psicológico e cognitivo.

Entretanto, apesar dos avanços no sentido da igualdade dos direitos, percebe-se ainda uma valorização da mãe como responsável pela criação dos filhos, pois ela desde criança aprendeu a brincar de boneca, de casinha. Para os homens, essa função é nova e requer uma adaptação que não se estabelece de repente. Somente através do estabelecimento de políticas públicas, como as desenvolvidas pela Macrofunção Vida<sup>6</sup>, será possível ampliar o exercício do cuidado paterno, construída na relação entre pai e filho. A condição objetiva para a materialização de tais propósitos influenciará nas próximas gerações que poderão desmistificar a atribuição do pai como provedor e coadjuvante no processo de criação dos filhos.

### **A inclusão do pai nos serviços de saúde: avanços e desafios**

A presença do companheiro / pai pode ser iniciada antes mesmo do nascimento dos filhos. A participação deve começar nas consultas pré-natais. Segundo um estudo realizado em 2008, por Miriam Aparecida de Abreu Cavalcante, enfermeira e professora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE/USP, 2008), ao acompanhar a mulher grávida nas consultas

---

6 A Macrofunção Vida é um grupo da Prefeitura do Rio de Janeiro, que integra diferentes instituições municipais, universidades e ONGs com o objetivo de implementar políticas públicas voltadas para a promoção da saúde e dos direitos reprodutivos.



pré-natais, o homem vivencia o período gestacional no contexto das relações de gênero tradicionais, embora modificadas em alguns aspectos, e se prepara para a paternidade. Também apontaram que eles entendem não ser o foco da consulta, mas freqüentam para darem suporte a companheira e entenderem o processo gestacional.

Ouvir o coração do bebê parece ser um desejo unânime dos pais, talvez associado à vontade de perceber e sentir a materialização da criança que era apenas intuída pelo pai através das informações obtidas da mãe. (TARNOWSKI; PRÓSPERO; ELSEEN, 2005)

O Ministério da Saúde, buscando uma assistência qualificada e humanizada incentiva a presença do pai no pré-natal:

É cada vez mais freqüente a participação do pai no pré-natal, devendo sua presença ser estimulada durante as atividades de consulta e de grupo, para o preparo do casal para o parto. A gestação, o parto, o nascimento e o puerpério são eventos carregados de sentimentos profundos, momentos de crises construtivas, com forte potencial positivo para estimular a formação de vínculos e provocar transformações pessoais.” (BRASIL, 2005, p.15)

Apesar de preconizada, na prática, a humanização ainda enfrenta barreiras. Os homens não são convidados pelos programas de saúde e muito menos fazem parte da rotina de suas atividades. Aqueles que aguardam na sala de espera, muitas vezes não são convidados para adentrarem a sala de consulta. (SIQUEIRA, MENDES, FINKLER, et al., 2002). Ainda há o agravante que os pais que trabalham não obtêm liberação dos seus postos para irem às consultas.

Para muitos pais, o “tornar-se pai” tem início a partir do nascimento do seu filho. Trata-se de um momento de sentimentos profundos, onde o homem transmite segurança e apoio emocional à mulher, beneficiando também o bebê (CARVALHO, 2003). A Política Nacional de Humanização (PHN) tem como uma de suas marcas, garantir ao usuário o direito ao acompanhamento de pessoas da sua rede social de livre escolha. (M.S., 2004).

Um dos avanços que possibilita a inclusão do pai nos serviços de saúde é a lei 11.108/05 – Lei do Acompanhante, que permite a parturiente escolher o acompanhante durante o parto.

CAPÍTULO VII  
DO SUBSISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DURANTE O  
TRABALHO DE PARTO, PARTO E PÓS-PARTO IMEDIATO

Art. 19-J. Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde - SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

§ 1º O acompanhante de que trata o caput deste artigo será indicado pela parturiente. (BRASIL, 11.108/05, 2005)

Apesar de instituída, nas unidades de saúde, principalmente nas maternidades públicas, esta não é cumprida. As instituições alegam a alta de estrutura física e de acomodação e no caso da presença do acompanhante masculino, pode atrapalhar a privacidade das pacientes.

Segundo Oliveira e Brito (2009), após o nascimento, o pai percebe as dez primeiras semanas de paternidade da mesma forma que a mãe percebe a maternidade. É um período caracterizado pela incerteza, pelo aumento das responsabilidades, pela interrupção do sono e pela incapacidade de saber o tempo necessário para cuidar do bebê.

Nesse sentido, a luta pelos direitos paternos avança com lentidão. Enquanto a licença maternidade é de 120 dias<sup>7</sup>, a licença paternidade é de 5 dias. No caso de ausência da mãe, esse prazo pode ser estendido.

A "Macrofunção Vida", pertencente a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro em parceria com outras secretarias e ONGs, foi instituída em 2001, com o objetivo principal de implementar políticas voltadas para a promoção da saúde e dos direitos reprodutivos. Dentre as políticas, destaca-se o trabalho de conscientização, junto aos trabalhadores das políticas sociais e da população sobre a importância da participação do pai no cuidado com crianças e adolescentes. No

---

<sup>7</sup> A Lei 11770/08 cria o programa "Empresa Cidadã", que oferece incentivo fiscal às empresas em troca da prorrogação por 60 (sessenta) dias da licença-maternidade, prevista no inciso XVIII do caput do art. 7º da Constituição Federal.

ano de 2004, foi instituído o mês de Agosto como o “Mês de Valorização da Paternidade” (Decreto 24083), visando incentivar, junto a diferentes instituições, a realização de atividades que tenham como objetivo ampliar o debate sobre a paternidade nos dias de hoje e desenvolver estratégias que busquem favorecer vínculos entre pais e filhos.

Educadores das mais diversas áreas, como professores, assistentes sociais, médicos, psicólogos, enfermeiros, sociólogos, todos, enfim, têm de unir esforços para devolver aos pais a consciência da complexidade de sua tarefa, a fim de que se posicionem à altura desse desafio. (MONTGOMERY, 2005)

O envolvimento do homem no cuidado com crianças e adolescentes é fundamental para o desenvolvimento saudável, a prevenção da violência e a promoção de saúde.

#### *Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem*

Aprovada em 2008 com o objetivo de qualificar a atenção a saúde da população masculina, a política busca estimular o homem ao auto-cuidado com sua própria saúde. O homem deve admitir suas fragilidades e preocupar-se com sua saúde física e mental. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem se caracteriza por seu pioneirismo, pois anterior a ela não existia nenhuma política focada na promoção e atenção integral do público masculino.

A Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem, além de evidenciar os principais fatores de morbi-mortalidade aponta o reconhecimento de determinantes sociais que resultam na vulnerabilidade da população masculina aos agravos à saúde. Dentre eles, destacamos aqueles associados às relações entre os gêneros e aos sentidos atribuídos à masculinidade, nos quais a adoção de comportamentos de risco e a negligência e/ou falta de informação sobre o autocuidado surgem como fatores que favorecem a elevação desses índices. Em média, os homens vivem 7,6 anos a menos que as mulheres. Não procuram as unidades de saúde básica porque acham que não vão adoecer e têm medo de descobrir doenças.

### *Pré-Natal do Homem*

Implementado em algumas cidades por iniciativa do Ministério da Saúde, o Pré-Natal do Homem incentiva os homens a realizar exames preventivos ao mesmo tempo em que suas mulheres realizam os exames pré-natal, no período de gestação. O objetivo é impulsionar o homem a realizar mais exames, e entender que ele precisa estar saudável para cuidar de sua família. A iniciativa faz parte da Política Nacional de Saúde do Homem, que prevê o aumento da quantidade de procedimentos urológicos no Sistema Único de Saúde (SUS).

O Pré-Natal do Homem incentiva a participação do parceiro nas consultas da gestante, além da realização de exames sorológicos de HIV e sífilis, identificando parceiros doentes, encaminhando-os para o tratamento adequado e diminuindo a transmissão destas infecções aos filhos.

O acompanhamento dos homens-pais durante a gestação tende a aproximá-los da prevenção de doenças cardíacas, respiratórias e de todo o organismo. Conseqüentemente, os homens ganham em qualidade e expectativa de vida e podem acompanhar o crescimento dos filhos.

### *Unidade de Saúde Parceira do Pai*

Uma iniciativa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro foi a criação da Unidade de Saúde Parceira do Pai, que tem por objetivo sensibilizar as unidades de saúde para promover a participação dos pais no cuidado com os filhos e com a saúde. Trata-se um longo trabalho a ser desenvolvido com profissionais de saúde para criar ações que levem os homens a buscar esses serviços, ampliando as oportunidades de envolvimento e preocupação dos homens com sua saúde e de sua família.

Segue abaixo, dez recomendações – construídas nas oficinas da Macrofunção Vida – que contribuem para tornar a unidade de saúde uma parceira do pai:

- 1- Preparar a equipe de saúde;
- 2- Incluir os pais nas rotinas dos serviços;
- 3- Incluir os pais no pré-natal, parto e pós parto;
- 4- Incluir os pais nas enfermarias;
- 5- Promover atividades educativas com os homens;
- 6- Acolher e cuidar dos homens;
- 7- Preparar o ambiente;
- 8- Dar visibilidade ao tema do cuidado paterno;
- 9- Criar

horários alternativos; 10-Fortalecer a rede de apoio social.

São passos importantes para a participação do pai nas políticas públicas, sobretudo para desconstruir a imagem de que os homens têm mais resistência em procurar cuidados médicos e não adotam atitudes preventivas com relação a problemas de saúde.

No que se refere ao cuidado com os filhos, os próprios serviços de saúde, muitas vezes denominados materno-infantis, contribuem para o afastamento do pai nesse processo, reforçando a concepção de que são ações exclusivas das mulheres. Porém, nota-se uma presença crescente dos homens no pré-natal, no parto, nas consultas pediátricas e nas vacinações das crianças

## 6. CAPÍTULO III – RELAÇÃO PAI-FILHO

### **Envolvimento paterno e sua influência no desenvolvimento dos filhos**

Quando a mulher engravida, pode-se dizer também que alguns companheiros ficam “grávidos”. São recentes os estudos e cada vez mais se tem dado ênfase e destaque ao papel do pai, quer na gravidez, quer depois do bebê nascer. Tem sido uma evolução lenta, mas atualmente podemos falar de um “*novo pai*”, mais afetuoso e participativo durante a gravidez da sua companheira e mesmo depois do parto.

A participação do homem na vida da criança é imprescindível para o seu desenvolvimento. Ela começa antes mesmo do bebê nascer, pois o comportamento do pai em relação à mulher grávida contribui para que esta aceite ou rejeite sua gravidez (MALDONADO, 1985) Quando o homem torna-se cúmplice da mulher neste processo, criam-se condições de bem estar para todos os envolvidos repercutindo no cuidado que esta tem com as crianças. O homem oferece condições para a construção de um suporte afetivo que será importante à formação das identidades das crianças e à construção de relacionamentos familiares menos baseados na hierarquia entre os dois sexos, o que facilitaria a construção futura de relações mais igualitárias.

Faz-se importante a participação dos pais no cuidado e educação dos filhos. Estudos já mostraram que a participação do pai na educação dos filhos

contribui para o bom desenvolvimento escolar e no bem-estar das crianças.

Muitos estudos descobriram que o amor do pai é um fator isolado determinante, quando se trata de crianças com problemas de personalidade, conduta, delinquência ou dependência química. Mais pesquisas são necessárias, no entanto, para explicar essa observação. (RHONER E VENEZIANO, 2001, p. 385)

Para Comeau (1995, *apud* JABLONSKI, 2004), o pai tem três papéis a desempenhar com os filhos. Primeiro é o de “separar” a criança da relação díade que foi estabelecida com a mãe e vice-versa; ele entra na vida dos dois, rompendo o vínculo estabelecido e coloca um limite na vida da criança ao reivindicar a mãe para si próprio também, estabelecendo uma relação triangular pai – mãe – filho que implica em conflitos, mas que são fundamentais e construtivos, se vivenciados de modo saudável e respeitoso. Quando o pai recusa esse papel que lhe foi atribuído, cria uma dificuldade na organização dessa tríade familiar.

O segundo papel apresentado pelo autor é o de ajudar a confirmar a identidade de seu filho ou filha. O investimento paterno ao menino e à menina lhes dá segurança e auto-estima. O terceiro papel do pai seria o de transmitir “a capacidade de receber e de interiorizar os afetos, de carregá-los consigo” (CORNEAU, 1995, p.51). Esse contato aproxima pais e filhos, gera cumplicidade, além de uma relação baseada em emoções.

Para os filhos, a participação do pai em suas vidas as torna fisicamente mais saudáveis, emocionalmente mais seguras e mentalmente mais perspicazes, com melhor desempenho em testes de inteligência (UNICEF, 2001) e a manutenção do sentimento de solidariedade humana, pertencimento social e igualdade, que são essenciais para o seu bem estar (ONU, 2000).

Quanto mais afetiva e íntima forem as relações, maiores serão os ganhos emocionais para o bebê que necessita tanto dos cuidados maternos quanto paternos.

### **O Cuidado Paterno na separação**

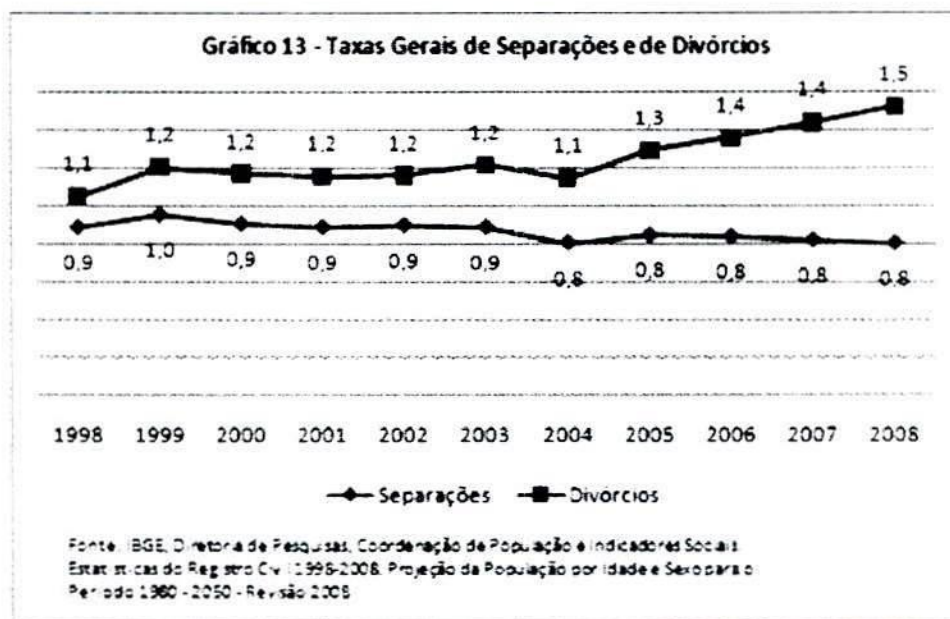
No início, a união de duas pessoas e a natural decorrência da perpetuação da espécie. A partir da formação do laço afetivo advém a família, cada qual

constituída com suas regras e valores, os quais são transmitidos dos genitores aos filhos e que devem nortear o saudável desenvolvimento destes.

Inicialmente, a criança desenvolve-se na presença dos pais, de ambos recebendo amor, cuidados, limites, etc. As transformações sociais e culturais ocorridas nos últimos anos acarretaram na alteração do núcleo familiar.

Nos últimos anos, cresceu o número de separações e divórcios. De acordo com dados do IBGE (2008), o número de dissoluções de casamentos chegou a 290.963, somando as 102.873 separações e os 188.090 divórcios – ambos valores englobando processos judiciais e escrituras.

Tabela 03



Os filhos, por sua vez, são os que mais sofrem com o rompimento do laço afetivo de seus pais, pois perdem a referência de sua estrutura familiar. Nesse processo de mistura de sentimentos negativos, há que se definir, no momento da separação do casal, a quem caberá a guarda dos filhos.

De acordo com dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) de 2007, cresceu o número de homens que obtêm a guarda dos filhos. Num comparativo entre dados de 1997 e 2007, aumentou em 25% o número de lares que os pais têm a guarda dos filhos menores de 16 anos (tabela 04).

Tabela 04

Proporção de famílias com todos os filhos menores de 16 anos, segundo o tipo - Brasil - 1997/2007



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1997/2007.  
 (1) Excluiu-se a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

A separação conjugal dos pais quase sempre afeta as crianças. A sensação do abandono por parte do pai ou da mãe costuma causar grande alteração na vida dos filhos.

Alguns sinais de cunho emocional costumam surgir nessa época, tais como: depressão, rebeldia, estresse, agressividade, baixo rendimento escolar, etc. A estabilidade emocional depende de como serão as relações da criança com o pai após o divórcio. “Com a separação, vem uma transformação e reorganização da vida familiar. É importante que pais e filhos conversem claramente sobre o que esta acontecendo a todos.” (MALDONADO, 2000, p 183.)

A separação conjugal gera mudanças na vida dos pais e principalmente dos filhos. A guarda dos filhos, quando ainda pequenos, na maioria dos casos pertence à mãe. Porém, a guarda compartilhada venha ganhando força. A iniciativa da luta pela igualdade parental no Brasil é da sociedade civil, com destaque para a ONG APASE. A luta pela Guarda Compartilhada trouxe a importância de se preservar o direito dos filhos em conviver com toda a sua família.

A guarda compartilhada visa “a responsabilização conjunta e o exercício de direitos e deveres do pai e da mãe que não vivam sob o mesmo teto,



concernentes ao poder familiar dos filhos comuns.” (BRASIL, Lei 11.698/08 de 13 de Junho de 2008). A guarda material ou física do filho pode ficar a cargo de um dos pais, mas os direitos e deveres do poder familiar são sempre de ambos.

Ramires (1997), ao realizar uma pesquisa com pais separados, constatou que o relacionamento com os filhos vai melhorando qualitativamente após o divórcio, pois o tempo passado juntos é realmente dedicado às crianças, proporcionando um aumento na intimidade e cumplicidade entre pais e filhos.

“Será que, após a separação, além de considerarem os cônjuges como ex, as crianças, em alguns casos, entram na categoria de ex-filhos?” (JABLONSKI, 2004).

O homem/pai assim como a mulher/mãe devem entender que a separação é da companheira(o) e não dos filhos. Mesmo que o pai não esteja presente diariamente na vida dos filhos, a relação pai-filho deve ser preservada para o bem-estar da criança. O pai deve participar ativamente da rotina do filho e mostrar-se presente para que o vínculo pai-filho seja mantido e fortalecido. Mesmo separados, os pais devem permanecer unidos quanto aos interesses dos filhos. Decisões importantes relativa à vida dos filhos, como saúde, educação e segurança, devem ser tomadas por ambos.

### **Ausência paterna: impacto negativo em crianças e adolescentes**

Muito se fala na importância da paternidade afetiva para o pai e para os filhos e dos ganhos de ordem social e psicológica. E a ausência paterna?

Em meio às mudanças na estrutura familiar, em que se nota o aumento do número de separações e divórcios e a conseqüente guarda dos filhos destinada a figura feminina, faz-se importante apontar a influencia da ausência paterna para crianças e adolescentes.

Apesar da insuficiente discussão acerca do tema em questão, sobretudo no contexto brasileiro, serão apresentados alguns resultados de estudos encontrados na literatura.

Pesquisas apontam que a ausência paterna geralmente tem um impacto negativo em crianças e adolescentes, sendo que entre os adolescentes seria maior o risco para desenvolver problemas de comportamento.

De acordo com pesquisa realizada pelo Departamento de Serviços Humanos e Sociais do Governo dos Estados Unidos, em 1999, divulgada pelo site da APASE, mais de ¼ das crianças americanas- aproximadamente 17 milhões – não vivem com seus pais. Meninas criadas sem a presença paterna têm 2 ½ vezes mais propensão a engravidarem na adolescência e 53% mais chances de cometerem suicídio. Meninos sem um pai em suas vidas têm 63% mais chances de fugirem de casa e 37% mais chances de fazerem uso de drogas. Meninos e meninas sem pai têm 2 vezes mais chance de abandonarem a escola, 2 vezes mais chances de serem presos e aproximadamente 4 vezes mais chances de necessitarem cuidados profissionais para problemas emocionais ou de comportamento. (HSS Press release, Friday, March 26, 1999)

Em um estudo realizado em 1997 para compreender a prevalência e os fatores de risco para o tabagismo em adolescentes, realizado no Rio Grande do Sul, mostra que os adolescentes que vivem com pais separados apresentam maior prevalência de tabagismo (HORTA, CALHEIROS, PINHEIRO, et al, 2001).

Tabela 05

**Tabela 3** – Prevalência de tabagismo entre os adolescentes de acordo com a estabilidade do relacionamento dos pais. Pelotas, RS. 1997.

Variáveis	N	Prevalência de tabagismo	Razão de "odds" (IC95%)
Pais separados			
Sim	210	16,7%	2,21 (1,34-3,65)
Não	422	8,3%	Referência
		p<0,01	
Total	632		

Montgomery (1998) afirma que crianças com ausência do pai biológico têm duas vezes mais probabilidade de repetir o ano escolar, e crianças que apresentam comportamento violento nas escolas têm 11 vezes mais chance de não viver na companhia do pai biológico do que crianças que não têm comportamento violento. Essas crianças, principalmente meninos, evidenciam maiores dificuldades nas provas finais e uma média mais baixa de leitura.

A ausência paterna apresenta tendências para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico da criança. (EIZIRIK, BERGMANN, 2004). Portanto, é necessário que mais estudos sejam realizados para que os resultados possam influenciar na valorização e incentivo do pai presente na vida dos filhos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O interesse por abordar o cuidado paterno vem crescendo na literatura científica desde o surgimento do movimento feminista. A partir deste momento, a entrada da mulher no mercado de trabalho, sua autonomia financeira, a divisão de tarefas domésticas e o aumento do número de divórcios, redefiniu os papéis sexuais e a configuração do núcleo familiar.

Diversos são os estudos sobre a importância do cuidado materno no desenvolvimento infantil. O envolvimento paterno também tem sua importância, tal qual o materno. O pai não deve ser excluído das responsabilidades de cuidar do filho, mesmo que essa característica seja considerada inerente à maioria das mulheres. Portanto, o homem precisa de incentivo e espaço para realizar esse cuidado.

O pai não vai cuidar da mesma maneira que a mãe cuida, não vai se relacionar com o filho da mesma maneira. São figuras diferentes e igualmente imprescindíveis na vida dos filhos. Os cuidados devem ser exercidos em igualdade de condições. Portanto, cabe à mãe compreender a diferença do tipo de cuidado que o pai exerce. Não é o modo ideal sob o seu ponto de vista, mas talvez para a criança, seja aquela a melhor forma de cuidado e interação com o pai.

Os homens, ao contrário das mulheres, raramente têm oportunidades de receber informações, trocar experiências ou desenvolver habilidades de cuidado. Sentem-se acuados, inseguros, vivendo uma nova experiência. A partir do incentivo que recebe da companheira, pouco a pouco, o pai ganha espaço para realizar o cuidado paterno diário. Só haverá um “novo pai” se existir uma “nova mãe”.

A atenção aos pais cuidadores e afetivos contribui positivamente para toda a família, principalmente com relação ao desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social das crianças. Os pais acrescentam em muito na vida dos filhos através de expressões de afeto e cuidado, formando vínculos significativos com os filhos. É também o responsável por romper essa relação simbiótica do bebê com sua mãe e

a partir daí, formar a tríade: mãe-pai-bebê.

Para além das relações familiares, é importante promover a inclusão dos homens/pais nos serviços de saúde. Torna-se necessário, portanto, que os profissionais e as unidades de saúde criem um ambiente acolhedor para esses homens/pais, formulando novas práticas que impliquem na revisão de concepções de gênero, família, paternidade e maternidade tradicionais. Dessa forma, o cuidado paterno ganharia mais força nos lares e contribuiria para a redução de problemas sociais, ocasionados pela ausência do pai.

Sobre os artigos analisados, percebe-se um predomínio do olhar feminino no que tange à produção científica sobre o cuidado paterno e às questões de saúde reprodutiva. Porém, há o reconhecimento de que houveram avanços na discussão, pois os direitos dos homens-pais são reconhecidos, colocando-os em igualdade com as mulheres-mães no que diz respeito aos direitos e deveres sobre os filhos.

A discussão sobre as conseqüências da ausência paterna ainda é insuficiente, uma vez que é recente o grande aumento do número de separações conjugais e novas configurações familiares. Porém, se faz importante, pois dados apontam para problemas de comportamento, refletidos principalmente na adolescência.

A questão da paternidade ultrapassa os limites das relações familiares e se torna um campo de discussão no âmbito da saúde sexual e reprodutiva e da saúde coletiva.. Cabe aos profissionais de saúde, de educação e esferas da sociedade impulsionar produções científicas sobre a importância da figura paterna para os filhos. A partir de resultados mais concretos acerca da contribuição do pai para o desenvolvimento dos filhos, políticas públicas e novas ações de promoção da participação paterna seriam implantadas.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Ana Kusurman. **Guarda Compartilhada: Legitimação social para o exercício da paternidade.** 2009. Monografia apresentada Maternidade Escola/UFRJ para obtenção do título de especialista em atenção integral a saúde materno infantil.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2ed. Zahar editores. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro. 1981.

BARBOSA, Carlos. NOGUEIRA, Conceição. Violência Escolar e a construção social de masculinidades. In: **V Congresso de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Ação.** Atelier de gênero. Coimbra. Portugal. 2005. p. 1-6.

BRASIL. Lei nº 11.698, de 13 de junho de 2008. . **Altera os arts. 1.583 e 1.584 da lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – código civil, para instituir e disciplinar a guarda compartilhada.** Brasília, 2008. Disponível em < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11698.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11698.htm)> Acesso em: 29 nov. 2010.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada - manual técnico.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005, p.15

\_\_\_\_\_. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem.** Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRITO, Leila Maria Torraca de. **Família pós-divórcio: a visão dos filhos.** *Psicol. Cienc. Prof.*, Brasília, v. 27, n. 1, mar.2007, p. 32-45.

BUSTAMANTE, Vânia; TRAD, Leny. **Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1865-1874, 2005.

CARVALHO, Marcus Renato. **Pais ainda não cuidam dos seus filhos.** Disponível em: [www.aleitamento.com/a\\_artigos.asp?id=x&id\\_artigo=942&id\\_subcategoria=3](http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=942&id_subcategoria=3) Rio de Janeiro, Brasil. Ago 2005. Acesso em 16/06/2011.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. **Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais.** *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n. 2, p. 389-398, 2003.

CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. **O envolvimento paterno e o desenvolvimentosocial de crianças iniciando as atividades escolares.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-74, 2009.

CIA, Fabiana; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque; AIELLO; Ana Lucia

Rossito. **Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura.** Psicologia Escolar e Educacional. Vol. 9, n. 2, p. 225-233. São Paulo, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **A face e o verso: estudos sobre o homoerostimo II.** São Paulo: Escuta, 1995.

CREPALDI, Maria Aparecida, et. al. **A participação do pai nos cuidados da criança segundo a concepção de mães.** *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 579-587, 2006.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias.** Rio de Janeiro: Graal, 1986

ECHER, Isabel Cristina. **A revisão de literatura na construção do trabalho científico.** *Revista Gaúcha Enfermagem.*, Porto Alegre, v.22, n.2, p.5-20, 2001

EIZIRIK, Mariana; BERGMANN, David Simon. **Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso.** *Revista de Psiquiatria*, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 330-336, 2004.

FALCETO, Olga. et. al. **Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente.** *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, n. 6, p. 1034-1040, 2008.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino, et. al. **Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor.** *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

HORTA, Bernardo, et. al. **Tabagismo em Adolescentes de Área Urbana na Região Sul do Brasil.** *Rev. De Saúde Pública*, 2001, v. 35, n. 2, 159-164.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estudos e Pesquisas. Informações Demográfica e Socioeconômica número 23.** Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. 2008.

JABLONSKI, Bernardo. **Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filho após a relação conjugal.** *Paidéia*, 2004, 14(29), 347-357

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. **Inclusion of Men and Boys in the Public Actions of Reproductive Health in Brazil.** *Brigde Pub.*, Reino Unido, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. "Nas redes do conceito de gênero". In: LOPES, Marta Júlia; MEYER Dagmar; WALDOW, Vera (orgs.). **Gênero e saúde.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 07-18.

MALDONADO, Maria Teresa. **Psicologia da gravidez.** Petrópolis: Vozes, 1985

MARTINS, Aline de Carvalho. **Paternidade: repercussões e desafios para a área de saúde.** *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luis/MA v. 1 n. 11 , 2009

MONTGOMERY, Malcolm. **O Novo Pai.** São Paulo. Ediouro, 2005

\_\_\_\_\_. Breves comentários. In: Silveira P. **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998. p.113-8.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro. Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. **Masculinidade, em fim de século**. In: SILVA, D. *Saúde sexualidade e reprodução*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

OLIVEIRA, Eteniger Marcela; BRITO, Rosineide Santana. **Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério**. *Escola Anna Nery, Revista Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 595-601, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Comité Preparatorio del período extraordinario de sesiones de la Asamblea General sobre la infancia Un mundo apropiado para los niños** (2000). Disponível em: <<http://www.onu.org>>. Acesso em: 23 jun. 2011.

PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiochi. **Novos arranjos familiares: Paternidade, Parentalidade e Relações de Gênero sob o olhar de mulheres chefes de família**. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n.2, p. 57- 69, 2007.

PICCININNI, César Augusto *et al.* **O envolvimento paterno durante a gestação**. *Psicologia. Reflexão e Crítica*, 2004, p. 303-314.

PONTES, Cleide M.; ALEXANDRINO, Aline C.; OSÓRIO, Mônica M. **Participação do pai no processo da amamentação: vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos**. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 84, n. 4, p. 4-12, 2008.

PORTELLA, Ana Paula, *et al.* **Homens: sexualidade, direitos e construção da pessoa**. Recife: SOS Corpo – Gênero e Cidadania/Instituto Papai, 2004, 144 p.

RAMIRES, Vera Regina. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

RHONER, Ronald, VENEZIANO, Robert. **The importance of father love: History and contemporary evidence**. *Review of General Psychology*, 2001, p. 382-405. Disponível em <http://pailegal.net/fatiss.asp?rvTextold=2113241530> Acesso em: 28 dez. 2010.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 24083 de 02 de Abril de 2004. **Institui o Mês de Valorização da Paternidade**, em Agosto. Rio de Janeiro, RJ. 02 Abr. 2004.

SANTOS, Eleniza Viana. **Uma análise dos diversos arranjos familiares da atualidade**.2010. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/uma-analise-dos-diversos-arranjos-familiares-da-atualidade/40312/>>

SARAIVA, Eduardo. **Paternidade Masculinidade: Tradição, Herança e Reivindicação**. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

SILVA, Milena; PICCININI, César Augusto. **Sentimento sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo**. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 24, n. 4, p. 4-15, 2007.

SIQUEIRA, Maria Juracy. et. al. **Profissionais e usuárias (os) adolescentes de 4 programas públicos de atendimento pré-natal da região da Grande Florianópolis: Onde está o pai?** *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 1, p.65-72, 2002.



**ANEXO: Relação dos artigos inicialmente utilizados para a elaboração do trabalho:**

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Descritores</b>	<b>Autor</b>	<b>Publicação</b>	<b>Local do estudo</b>
2003	Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais	Pais; humanização do parto; parto; maternidades	CARVALHO, Maria Luiza Mello de.	Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro / RJ	Rio de Janeiro / RJ
2004	Ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso	Ausência paterna; criança; adolescente; psicoterapia	EIZIRIK, Mariana; BERGMANN, David Simon.	Revista de Psiquiatria, Porto Alegre / RS	Porto Alegre / RS
2005	Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares	Paternidade; família, cuidado infantil	BUSTAMANTE, Vânia; TRAD, Leny.	Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro / RJ	Salvador / BA
2005	Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura	Revisão de literatura; Relacionamento pai-filho; Desenvolvimento infantil.	CIA, Fabiana; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque; AIELLO, Ana Lucia Rossito.	Psicologia Escolar e Educacional / SP	_____
2006	A participação do pai nos cuidados da criança segundo a concepção de mães	Cuidado paterno; desenvolvimento familiar; situação de risco.	CREPALDI, Maria Aparecida, et. al.	Psicologia em Estudo, Maringá / PR	Região Sul, sem descrição de cidade
2007	Novos arranjos familiares: Paternidade, Parentalidade e Relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família	Paternidade; Parentalidade; Mulheres chefes de família	PERUCCHI, Juliana; BEIRÃO, Aline Maiocchi	Psicologia Clínica, Rio de Janeiro / RJ	Florianópolis / SC
2007	Sentimento sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo	Desenvolvimento infantil; paternidade; relação pai-criança.	SILVA, Milena; PICCINI, Cesar Augusto.	Estudos de Psicologia, Campinas / SP	Porto Alegre / RS

2008	Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactante	Paternidade; Comportamento Paterno; Relações Pai-Filho; Relações Familiares; Cuidado da Criança; Estudos Transversais	FALCETO, Olga, et. al.	Revista de Saúde Pública, São Paulo / SP	Porto Alegre / RS
2008	Participação do pai no processo da amamentação: vivências, conhecimentos, comportamentos e sentimentos	Participação do pai; amamentação	PONTES, Cleide; ALEXANDRINO, Aline; OSÓRIO, Mônica.	Jornal de Pediatria, Porto Alegre / RS	Recife / PE
2008	Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa	Paternidade participativa; subjetividade masculina; grupo focal; práticas discursivas	SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE, Júlia.	Revista Psico, Porto Alegre / RS	Fortaleza / CE
2008	A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada	Humanização do parto; Saúde da mulher; Família.	TARNOWSKI, Karina; PRÓSPERO, Elisete; ELSEIN, Ingrid.	Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis / SC	Florianópolis / SC
2009	Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor	Paternidade; relações pai-filho; identidade de gênero; responsabilidade social; pesquisa qualitativa	FREITAS, Waglânia.	Revista de Saúde Pública, São Paulo / SP	João Pessoa / PB
2009	Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério	Cônjuges; Período Pós-Parto; Cuidado Pós-natal.	OLIVEIRA, Eteniger Marcela; BRITO, Rosineide.	Revista Enfermagem Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro / RJ	Natal / RN
2009	O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares	Envolvimento paterno; habilidades sociais; problemas de comportamento.	CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan.	Psicologia em Estudo, Maringá / PR	São Paulo / SP